

## VOLTA À IDADE MÉDIA: a salvação da humanidade

*Ivan A. Manoel*

Professor do Departamento de História da FHDSS – Unesp – Franca

“Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia calcou aos pés as relações feudais, patriarcais e idílicas. Todos os complexos e variados laços que prendiam ao homem feudal a seus ‘superiores naturais’ ela os despedaçou para só deixar subsistir, de homem para homem, o laço do frio interesse, as duras exigências do pagamento ‘à vista’... Dissolvem-se todas as relações sociais antigas... Tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo que era sagrado é profanado.”<sup>1</sup>

Certeiras e premonitórias palavras essas, do *Manifesto do Partido Comunista*, em 1848. Mais até do que os próprios ideólogos burgueses, Marx e Engels percebiam o sentido mesmo do processo histórico – tudo que parecera sólido se esfumara, ou em breve se desmancharia no ar. Mas isso, para os autores do *Manifesto* era motivo de alegria e exaltação, porque demonstraria que o movimento da história estava em pleno processo de realização e a transição para a sociedade sem classes certamente não tardaria.

Para os ideólogos burgueses, também o momento era de júbilo – o século XIX era a *idade de ouro*, onde a acumulação burguesa encontrava largos espaços ao sul, leste e oeste da Europa para realizar suas *orgias expansionistas* e o imperialismo capitalista podia dizer, pela boca de Cecil Rhodes: *quero anexar as estrelas*. Naquele momento, os ideólogos da

1. MARX, K. & ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*, p. 23 – 24. Consultar também BERMANN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*.

sociedade burguesa ainda não colocavam em pauta o problema do *fim da história* como *fato*, como algo já feito, porque ainda eram muitos os espaços a serem conquistados pelo mercado capitalista e a serem *civilizados* pela burguesia.

Em 1853, com clara percepção daquele momento de expansão do capitalismo, Marx escrevia que a... “Inglaterra tem de cumprir na Índia uma dupla missão: destruidora por um lado, e regeneradora por outro. Tem que destruir a velha sociedade asiática e assentar as bases materiais da sociedade ocidental na Ásia. Os ingleses foram os primeiros conquistadores de civilização superior à hindu; por isso ficaram imunes à ação desta última. Os britânicos destruíram a civilização hindu quando dissolveram as comunidades nativas, arruinaram por completo a indústria indígena e nivelaram quase tudo o que era grande e elevado na sociedade nativa... Atrás dos montões de ruínas distingue-se com dificuldade sua obra regeneradora. E, contudo, essa obra começou.”<sup>2</sup>

Alicerçados nessa teoria, os comunistas desejavam a continuidade desse processo expansionista, uma vez que a dialética materialista estabelecera a teoria de que quanto mais expandido, mais consolidado, mais forte se tornasse o capitalismo, tanto mais fraco ele seria, porque geraria, junto consigo, o seu contrário em escala mundial, o proletariado de todo mundo, que se uniria contra a burguesia e seu império capitalista.

Assim, por razões contraditórias, encontramos os ideólogos burgueses e proletários esperançosos, confiantes no futuro, acreditando no progresso. Uns, os primeiros, porque acreditavam na realização do cosmopolitismo sob a égide burguesa. Os outros, os segundos, na linha traçada por Marx e Engels, acreditavam que o expansionismo burguês levaria, inexoravelmente, ao fim da *pré-história* e ao início da verdadeira história humana na sociedade sem classes.

Acreditavam e agiam em conformidade com sua crença – estimular o progresso era a palavra de ordem no mundo ocidental, provocando mudanças econômicas, sociais, político-partidárias em quase todos os países

2. MARX, K. *Futuros resultados do domínio britânico na Índia*, p. 292.

que gravitavam ao redor do imperialismo inglês, ou sofriam sua invasão colonizadora, como foi o caso em toda América do Sul, inclusive o Brasil.<sup>3</sup>

Políticos e ideólogos se empenhavam na realização do processo expansionista, cientistas eram cada vez mais incentivados a aprofundarem suas pesquisas, a descobrirem e inventarem meios, novos e modernos, para estimularem e facilitarem essa expansão. Feiras internacionais, exposições e congressos se multiplicavam para conferir e exhibir o agigantamento da civilização burguesa ocidental.<sup>4</sup>

Ao mesmo tempo, o movimento operário se avolumava na Inglaterra, França, Bélgica, Áustria e outros países, criando organizações como os sindicatos e a Internacional, fazendo movimentos reivindicatórios, greves, cujos pontos culminantes foram a Comuna de Paris, ainda no século XIX e a Revolução Russa, já nos inícios do século XX.

Este, o ponto central do problema.

É certo que o processo histórico desmancha no ar a solidez de todas as construções humanas. No entanto, a sociedade burguesa, no século XIX, ainda se expandia, criava um mundo à sua ‘imagem e semelhança’, mundo que ela denominava civilizado. Dessa perspectiva, o processo expansionista se constituía em um verdadeiro processo civilizatório: onde quer que chegasse, o mundo burguês destruía as antigas formas locais de organização, em todos os níveis e

3. No Brasil, da segunda metade do século XIX em diante, esse processo teve seu grande impulso. Estimular o progresso, acelerar a inserção do Brasil no mundo civilizado, tornou-se a palavra de ordem, quase mística, que esteve na base do processo de proclamação da República. A fundação de institutos educacionais, o próprio *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova* e a fundação da Universidade de São Paulo, já no início do século XX, fazem parte deste contexto. A idéia central dessa movimentação, haurindo sustentação nas filosofias modernas, era que, uma vez plenamente inserido no mundo capitalista e contando com um sistema educacional também moderno, todos os problemas sociais do país estariam resolvidos, e com ele ingressaria plenamente na modernidade. Por isso, em 1873 foi criado o Liceu de Artes e Ofícios; em 1887, o Instituto Agrônômico de Campinas; em 1889, o Instituto Butantã; em 1890, a Escola de Farmácia; em 1890, a Escola Modelo Caetano de Campos; em 1892, a Escola Politécnica; em 1892, a Escola Agrícola Luís de Queirós; em 1916, o Instituto de Engenharia. Esses são alguns dos exemplos modernizantes no Estado de São Paulo, onde se concentravam os maiores produtores de café do país.

AMARAL, Antônio Barreto. *Dicionário da História de São Paulo*.

4. No século XIX houve diversas exposições na Europa, exibindo o triunfo da indústria e da tecnologia capitalista ocidental. São dignas de nota a “Exposição das Nações”, em 1851, na Inglaterra, no apogeu da “Era Vitoriana”. Depois, a Exposição Mundial, em 1889, na França, para a qual foi especialmente construída a Torre Eiffel, como símbolo do avanço tecnológico ocidental do século XIX.

em todos os âmbitos, e as substituía pelo seu “modelo civilizado”, isto é, as substituía pelas relações sociais do capitalismo industrial e urbano.

Conforme as palavras de Darcy Ribeiro, “A história do homem nos últimos séculos é, principalmente, a história da expansão da Europa Ocidental que, ao se constituir em núcleo de um novo processo civilizatório, se lança sobre todos os povos em ondas sucessivas de violência, de cobiça e de opressão. Nesse movimento, o mundo inteiro foi revolvido e reordenado segundo os desígnios europeus e na conformidade com seus interesses. Cada povo e até mesmo cada pessoa humana, onde quer que tenha nascido e vivido, acabou por ser atingida e engajada no sistema econômico europeu e nos ideais da riqueza, do poder, de justiça ou de santidade nela inspirados.”<sup>5</sup>

Posto assim, cabe indagar: o quê, afinal, se desmanchara no ar?

Fora a Idade Média que se desmanchara. Fora a sociedade feudal, com seus ritos, com sua pretensa eternidade que se esfumara, substituída pela sociedade urbana, pelo mercado mundial, pela conversão do artífice em operário, em força-de-trabalho, em capital variável, pelo mercado mundial e pela ética do ‘pagamento à vista’.

Entretanto, a Idade Média não se desmanchara em bloco e muito menos repentinamente. No que diz respeito ao “mundo das idéias” e aos usos e costumes, muito do medieval subsistiu até depois do século XVI, em especial na esfera religiosa.

É sabido, desde o século XIX, que a dialética entre a infra e a superestrutura, apesar da tese da determinação econômica em última instância, não é um movimento especular, onde o conjunto do pensamento é apenas um mero reflexo do que se passa na infra-estrutura. Sabe-se que as idéias são relativamente autônomas em relação à base material, isto é, existe uma *autonomia relativa da superestrutura*.<sup>6</sup> É bom explicitar, também, que a concepção

5. RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização*, p. 57

6. “Segundo a concepção materialista de história, o fator que, em última instância, determina a história é a produção da vida real. Nem Marx, nem eu, afirmamos uma única vez sequer, algo mais que isso. Se alguém o modificar, afirmando que o fato econômico é o único fato determinante, converte aquela tese numa frase vazia, abstrata, absurda. A situação econômica é a base, mas os diferentes fatores da superestrutura que se levanta sobre ela também exercem sua influência sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determina sua forma como fator predominantes.”

ENGELS, F. *Carta a Bloch*, 22/09/1890.

Consultar também, *Carta a Mehring*, 14/07/1893.

dessa relativa autonomia não foi uma hipótese abstrata ou uma tese operacional desenvolvida pelo marxismo para evitar um paradoxo metodológico<sup>7</sup>; antes, ela é um fato historicamente demonstrável, em particular quando se trata de religião.

Por isso, muito embora os filósofos pós-Iluminismo tenham prognosticado o fim da crença e das manifestações religiosas, chegando mesmo a decretarem a *morte de Deus*, em face do desenvolvimento científico e do aparente triunfo da Razão, tal não se deu – a persistência da religiosidade e mesmo o reforço desse sentimento no século XX é um fato indubitável, diante do qual o historiador não pode fugir ou persistir na ignorância.<sup>8</sup>

No que se refere particularmente ao catolicismo, o problema se apresenta pleno de complexidade. Se for certo que parte do entendimento dessa problemática dependerá das explicações a serem oferecidas pela psicanálise e pela antropologia, há uma série de dados históricos importantes que por certo explicarão a proeminência do credo católico e a supremacia quase incontestada da Igreja Católica durante tantos séculos.

A história da Igreja Católica é a história de uma instituição que passou da condição de religião perseguida à condição de religião oficial<sup>9</sup>, ou como diz Marramao... “durante os acontecimentos do século IV, a confissão cristã – ou, mais precisamente, a Igreja católica, isto é, aquela que havia adotado o credo niceno – havia, no intervalo de poucas décadas, passado da condição de organização apenas tolerada pelo Império, ainda contrastada ou combatida por setores do *establishment* social e político, à condição de instituição oficialmente admitida

7. Para ser efetivamente dialética, a teoria marxista não poderia aprisionar a superestrutura na “camisa de força” da simples função de espelho, porque, deste modo, não haveria retorno do pensamento sobre a base material e o movimento se paralisaria. Entretanto, a tese da autonomia relativa da superestrutura não foi desenvolvida apenas para resolver esse problema lógico e metodológico, mas foi uma reflexão teoricamente sustentada pelo concreto da história. Os campos da religião, arte e educação oferecem bons exemplos dessa autonomia relativa.

8. O processo de reavivamento das crenças religiosas hoje é indiscutível, e por certo deve estar preocupando pesquisadores do mundo todo, por duas razões. Primeiro, porque hoje se fortalecem as formas mais irracionais do cristianismo, apelando para o misticismo, o pentecostalismo e carismas. Na Igreja Católica, os segmentos místicos estão já suplantando a Teologia da Libertação. Segundo, o fato desse crescimento estar se verificando também, ou mais acentuadamente, em países de extremo avanço científico e elevado padrão de vida; ou seja, justamente países que, segundo o pensamento do século XIX, não deveriam apresentar mais esse tipo de prática social. Talvez a leitura dos livros de Carl Jung, Mircea Eliade, Joseph Campbell e Karen Armstrong ajudem a esclarecer um pouco a questão.

9. SAUCERROTE, Antônio. *As diversas autocompreensões da Igreja vistas por um marxista, passim*

(por Constantino), para enfim (com a proclamação de 380, por Teodósio I) passar à condição de única religião do Estado, e conseqüentemente, de plena co-responsável pelo exercício do poder.”<sup>10</sup>

Esse entrelaçamento entre Igreja e Estado, que já principiou a trazer condições vantajosas para a instituição religiosa e assentou as bases da teoria da indissociabilidade entre os dois poderes (que na realidade se converteu na tese da supremacia do poder religioso), se reforçou sobremaneira no ano 800, com a coroação de Carlos Magno como Imperador do Santo Império Romano-Germânico. A coroação de Carlos Magno pelo Papa Leão III, trouxe para a Igreja toda a região central da Itália, que foi incorporada ao seu patrimônio como Estados Pontifícios. A partir de então, até 1849, a Igreja Católica, além e acima de ser uma instituição religiosa preeminente no mundo ocidental, também foi um Estado Nacional, com território próprio, sobre o qual o Papa exercia o poder de Chefe de Estado, ao lado de um Cardeal, que exercia o poder de Chefe de Governo.

Na qualidade de soberano temporal, além de chefe espiritual, o Papa podia estabelecer, como de fato estabeleceu, acordos e alianças com outros soberanos, que propiciaram algumas resultantes favoráveis à Igreja, das quais três são fundamentais para o entendimento da problemática posta:

1) Desde Carlos Magno, presença marcante do clero na administração do Império, condição que permitiu à Igreja, dentre outras coisas, exercer controle e monopólio sobre a produção e distribuição do conhecimento.

2) Abertura de possibilidades para a Igreja construir um invejável patrimônio fundiário em quase toda a Europa, transformando-a em uma das maiores suseranas da Idade Média.<sup>11</sup>

3) Atribuição ao Papa da função de árbitro universal, acima dos próprios reis e imperadores.

Essas são algumas das razões que deram à Igreja na Idade Média uma posição singular. Além de instituição que oferecia serviços religiosos, além de Estado Nacional, além de exercer suserania sobre imensas regiões européias, além de atuar decisivamente na própria administração imperial, avocava a si o privilégio de monopolizar o saber.

10. MARRAMAO, Giacomo. *Céu e Terra*, p. 19

11. Não é pertinente a este estudo o aprofundamento na questão do patrimônio fundiário e mobiliário da Igreja. Um bom exemplo histórico desse processo de aquisição pode ser encontrado em : GALLI, Sidnei. *O poder da Igreja e a autoridade real em Portugal no século XII*. In, *História*, nº 9

Em outros e mais simples termos, a Igreja se constituiu no centro de equilíbrio da Europa medieval, e moldou o mundo feudal à sua imagem e semelhança. Não por acaso, Montalembert e Donoso-Cortés, em sua troca de correspondência, consideravam a Idade Média como a “Idade de Ouro” da humanidade. Aliás, iam mais longe em seu raciocínio. Ambos eram explícitos ao afirmarem que só existira verdadeiramente civilização durante o medievo, porque era uma civilização católica.

Em 04 de junho de 1849, Montalembert, em carta dirigida a Donoso-Cortés, reafirmando essa tese perguntava qual... “época señalaremos como la en que haya existido civilización, o sea, la sociedad católica por excelencia? Para mi es indudable que esta época fue la Edad Media, en el período desde lo siglo VIII, hasta el XIV.”<sup>12</sup> No mesmo dia 04 de junho de 1849, Donoso-Cortés respondeu a Montalembert, confirmando e reafirmando a tese de que... “El siglo de oro de la civilización católica, es decir, el siglo en que la razón y la voluntad del hombre se conformaron con el elemento católico, fue, sin duda ninguna, el siglo XIV”<sup>13</sup>

O significado dessa passagem é bastante elucidativo. Não se tratava apenas de afirmar o valor salvífico que seria inerente à ética e doutrina católicas e sua eficácia na regulamentação das relações interpessoais e sociais. Tratava-se, na verdade, de subordinar todo o processo histórico, dos fins do Império Romano em diante, a um processo civilizatório católico, como se toda a intrincada rede de relações estabelecidas nas e entre as estruturas feudais tivesse fundamento apenas no ideário e na prática da Igreja.

Era essa exatamente a leitura feita pelos autores conservadores católicos do século XIX. Donoso-Cortés, por exemplo, considerava acima de qualquer discussão a existência de um processo civilizatório católico. Conforme seu texto, somente a Igreja pode construir uma verdadeira civilização, primeiro porque foi ela quem levou os homens a superarem a barbárie do politeísmo pagão:

“Esa Iglesia, puesta en el mundo sin fundamentos humanos, después de haberle sacado del abismo de la corrupción, le sacó de la noche de la barbarie.”<sup>14</sup>

12. *Carta de Montalembert a Donoso-Cortés (04/06/1849)*. In, DONOSO-CORTÉS, J. *Obras Completas*, T.II, p. 211

13. *Idem*, p. 212

14. DONOSO-CORTÉS, J. *Ensayo...* p. 364

Segundo, porque o catolicismo é uma teologia, a única verdadeira teologia que jamais houve, razão de ser da própria civilização:

“Esa nueva teología se llama el catolicismo. El catolicismo es un sistema de civilización completo; tan completo, que en su inmensidad lo abarca todo: la ciencia de Dios, la ciencia del ángel, la ciencia del universo, la ciencia del hombre.”<sup>15</sup>

Essa interpretação não freqüentava apenas o texto dos autores leigos, antes estava incrustada nos fundamentos da autocompreensão católica, desde que Santo Agostinho estabelecera ser a função da Igreja transformar a *civitas* secular em *civitas* divina, de tal sorte que doutrinando em 1878, Leão XIII condensou-a nas seguintes palavras:

“Bem claro e evidente é que... à causa da civilização faltam fundamentos sólidos se ela não se apóia nos princípios eternos da verdade e nas leis imutáveis do direito e da justiça.”<sup>16</sup>

Portanto, quem mais, senão a Igreja Católica, poderia arrogar o privilégio de ter construído a verdadeira civilização, perguntava Leão XIII. Afinal, não fora ela quem... “pregando o Evangelho entre as nações, fez brilhar a luz da verdade entre os povos selvagens? Não foi a Igreja quem, fazendo desaparecer a calamidade da escravidão, revocou os homens à dignidade da sua nobilíssima natureza? Não foi ela quem, em toda parte civilizou nos seus costumes privados e públicos o gênero humano, reergueu-o da sua miséria e formou-o para um gênero de vida conforme a dignidade e as esperanças humanas?”<sup>17</sup>

Dialogando com os filósofos não católicos, que acusavam a Igreja de ser retrógrada e contrária à própria civilização, Leão XIII respondia que, se... “os bem numerosos que acabamos de lembrar e que deveram seu nascimento ao ministério da Igreja e à sua salutar influência, são verdadeiramente obra e glória da civilização humana, muitíssimo longe está, pois, que a Igreja de Jesus Cristo abomine a civilização e a repila, visto ser a si, pelo contrário, que ela crê caber inteiramente a honra de haver sido nutriz, a mestra e a mãe.”<sup>18</sup>

15. Idem, p. 357

16. LEÃO XIII (Papa). *Inscrutabili Dei Consilli*, p. 5

17. Idem, *ibidem*

18. Idem, p. 06

Não seria diferente a posição de Rui Barbosa quando, em 1889, no jornal *A Imprensa*, escrevia que... “Só a têmpera que o Evangelho deu à sociedade ocidental, com efeito, a poderá livrar de um espantoso eclipse moral nesta luta com as forças hediondas da anarquia, transformada em ideal de uma escola, onde o desprezo da vida humana responde logicamente à negação de Deus.”<sup>19</sup>

Faltou aos textos de Donoso-Cortés e Leão XIII um adjetivo que foi explicitamente empregado por Pio IX: moderna. O que a Igreja ultramontana do século XIX rejeitava era a civilização moderna, cujo atributo fundamental era o de ser secularizada, isto é, uma civilização que se forjava fora dos marcos do controle católico, e essa rejeição oferecia os argumentos para a crítica dos filósofos não-católicos e os ateus.

É certo que o medievo não foi tão fechado assim ao contato com o restante do mundo, conforme se fez acreditar por muito tempo. Os árabes no norte da África e na Espanha; as caravanas que percorriam o leste europeu; o próprio contato de mercadores e missionários com o Oriente introduziram elementos diversos na construção da civilização européia, onde se amalgamaram com os próprios elementos europeus-católicos. Não restam dúvidas, para quem já abordou a literatura sobre o tema, de que a filosofia católica se constituiu no entrecruzamento da produção intelectual do oriente e do ocidente, recolhendo elementos entre os egípcios, gregos, judeus, romanos... Leão XIII, na encíclica *Aeterni Patris*, resume a constituição da filosofia católica nos seguintes termos: “os primeiros padres e doutores da Igreja, empreenderam esquadriñar os livros dos antigos filósofos e comparar-lhes os sentimentos com as doutrinas reveladas; por uma escolha inteligente, adotaram o que neles lhes pareceu conforme a verdade e a sabedoria.”<sup>20</sup>

A esse propósito, não se deve esquecer que o próprio tomismo foi uma síntese da filosofia católica com o aristotelismo reintroduzido na Europa pelo averroísmo. Sabe-se que Averróis (Ibn Roshd – 1126 a 1198), filósofo árabe, que nasceu e viveu em Córdoba, escreveu vários livros em defesa do neoplatonismo e do aristotelismo, sendo que a... “maior parte dos livros de Ibn Roshd são comentários dos livros de Aristóteles.”<sup>21</sup>

19. BARBOSA, Rui. *Nota*. In, *A Imprensa*, nº 667. Apud, MANOEL, Ivan A. D. *Antônio de Macedo Costa e Rui Barbosa: a Igreja Católica na ordem republicana brasileira*, p. 76.

20. LEÃO XIII (Papa) *Aeterni Patris*, p. 13

21. CHALLITA, Mansour (org.) *As mais belas páginas da literatura árabe*. P. 156.

Entretanto, o predomínio exercido pela Igreja sobre a Europa medieval permitiu-lhe impor sua marca quase indelével sobre todas as esferas da atividade humana, conferindo-lhes uma aura de sacralidade. Relembrando Lucien Febvre – do nascimento à morte, das festas, no trabalho, na morte, na guerra e na paz, em todos os momentos e em todas as atividades o homem europeu respirava a sacralidade com que a Igreja envolvera toda a *mundanidade humana*.

Nesse contexto, relembrando a teoria pendular do movimento histórico, e relembrando a divisão da história em dois períodos – Antigo e Moderno – a concepção de civilização católica fica plenamente inteligível. No interior dessa concepção, a Idade Média de fato teria se constituído no momento mais importante da história humana.

Para João Camilo de Oliveira Torres, o movimento da história... “provoca uma ruptura com o que é essencial e importante. Aliás, devemos considerar que, em geral e na maioria das vezes, estaremos fugindo sempre, por força do impulso que move a história, daquela situação que é normal. Se compararmos o movimento da história ao de um pêndulo, vemos que, da mesma forma que ele está solicitado a volver ao ponto central, que é o da lei, da ordem, do equilíbrio, mas está fugindo dele em busca das duas posições extremadas em torno das quais oscila, igualmente a história vai e vem, passando pelo ponto da linha vertical, mas deixando-a de lado.”<sup>22</sup>

As teses de João Camilo de Oliveira Torres se filiavam àquela interpretação estabelecida por Donoso-Cortés quando, em 1847, entendia que após a Queda, o homem se transformara em um... “compuesto lamentable de absurdas contradicciones; lleno de pequeñez y de grandeza ... oscilando con perpetua oscilación entre el bien y el mal, entre su Dios que le solicita y el demonio que lo tienta.”<sup>23</sup>

Após a Queda, o homem se afastara de Deus até o extremo limite da oscilação pendular, e assim permanecera até a vinda de Jesus Cristo e a constituição da Igreja Católica. O período medieval foi exatamente aquele em que a Igreja, definitivamente implantada e consolidada com o amparo do Império Carolíngio, pode desempenhar sua função paralisadora do movimento pendular e fixadora do homem na órbita de Deus. Fixados na órbita divina,

22. TORRES, J.C. *História das idéias religiosas no Brasil*, p. 103

23. DONOSO-CORTÉS, J. *Bosquejos Históricos*, p. 140

os homens desfrutaram de alguns séculos de paz e *verdadeira* civilização, isto é, viveram a *Idade de Ouro*.

Mas, não era chegado ainda o momento da parúsia – ao homem faltava ainda mais um “trecho de jornada”.

Movidos pelo orgulho, vaidade e fraqueza da vontade, os homens romperam o equilíbrio dessa idade áurea e iniciaram o... “siglo de hierro de la civilización”<sup>24</sup> ou seja, iniciaram a *era da revolução*, e assim descrevia essa passagem o político católico brasileiro, Altino Arantes:

“Obumbrou-se (sic), destarte, a visão bucólica da idade de ouro, e em lugar dela surdiu, soberana, enganosa e empolgante, a miragem empolgante e enganosa da idade do ouro.”<sup>25</sup>

Ou seja, após a Idade Média, o pêndulo retomou o seu movimento afastando-se do centro ideal, avançando em direção aos indesejáveis extremos, e sua primeira manifestação foi o humanismo renascentista que... “caracterizado pelo esforço indisfarçável de religar a cultura moderna à antiga, passando por sobre a Idade Média, cavando um hiato na marcha evolutiva espiritual da humanidade ... foi um movimento manifestamente anti-cristão.”<sup>26</sup> Por isso, aos criadores do humanismo pode ser debitado o fato de terem sido ... “os pais espirituais de Kant e seu subjetivismo.../e a tentativa de apagar da frente de nosso século o caráter indelével da civilização de Cristo.”<sup>27</sup>

Dado o primeiro impulso para fora do centro de equilíbrio, o pêndulo adquiriu velocidade vertiginosa, acompanhando a própria velocidade de expansão da sociedade burguesa – a cada novo avanço burguês em direção à plena consolidação do capitalismo, seções inteiras da antiga ordem feudal ruíram, por serem incompatíveis com a nova que se firmava:

1) no âmbito da produção de mercadorias, a ruptura das relações feudais e da ética católica, e a introdução do assalariamento, do pagamento à vista e da ética mercantilista.

24. *Carta de Donoso-Cortés a Montalembert, de 04/06/1849.*

25. ARANTES, Altino. *Discurso aos moços (10/12/1931)*. In, *A Ordem*, p. 91

26. HARGRAVES, H.J. *Separatismo espiritual*. In, *A Ordem*, p. 341

27. *Idem, ibidem.*

2) nas relações políticas, a constituição dos Estados Nacionais e a preponderância do poder civil sobre o religioso, ou seja, a secularização do poder, expressão que... “remete a um processo de gradual expulsão da autoridade eclesiástica do âmbito do domínio temporal, com respeito ao qual o Estado moderno – nascido naquele 1648 da Paz de Westphalia – indicava uma pretensão de monopólio.<sup>28</sup> Situação plenamente configurada no galicanismo e no josefismo.<sup>29</sup>

3) na esfera intelectual, o humanismo, que caminhou para a Reforma Protestante, para o Iluminismo, Positivismo e Liberalismo e, no extremo limite, para o materialismo dialético e o socialismo.

Com essa linearidade, com esse travo moral, os pensadores católicos do século XIX interpretavam a passagem do feudalismo para o capitalismo. Essa é, a bem da verdade, uma das maiores dificuldades que se encontram na leitura dos textos desses pensadores. Mesmo quando apontam corretamente as manifestações do movimento histórico e discutem acertadamente os seus desdobramentos, não deixam de atribuir às atitudes morais as suas causas. Assim, quando discutem a passagem do feudalismo para o capitalismo, tudo quanto possa representar e significar essa passagem – ruptura dos laços feudais, introdução da economia de mercado, etc. – é apontado corretamente pelos textos católicos. Não obstante, insistem que tal passagem se deu exclusivamente pelo abandono da doutrina católica.<sup>30</sup>

Por essa razão, o avanço burguês da sociedade foi considerado um retrocesso, um retrocesso que teria início... “con la restauración del paganismo literario, lo cual produjo ... las restauraciones del paganismo filosófico, del

28. MARRAMAO, Giacomo, Op.Cit. p. 18

29. Um dos graves problemas enfrentados pela Igreja, em particular pela Cúria Romana, após a constituição dos Estados Nacionais, foi a atitude de alguns deles – a França e a Áustria, por exemplo – de revogarem a tese gelasiana dos dois poderes e subordinarem a Igreja local ao poder civil, sobrepondo-se, assim, o poder do Estado ao poder do Papa, inclusive sobre assuntos exclusivamente eclesiásticos, como a nomeação de vigários e indicação de bispos. O problema foi tanto mais grave porque amplos segmentos do clero deram apoio à atitude do Estado, e esse posicionamento também se reproduziu no Brasil, onde religiosos importantes defenderam a submissão da Igreja ao Estado. O Padre Feijó é um exemplo histórico considerável dessa atitude. WERNET, A. *A Igreja paulista no século XIX*. Sobre as tese das “duas espadas” – a civil e a religiosa., do Papa Gelásio, consultar MARRAMAO, Giacomo, Op.Cit, p. 20

30. Consultar como exemplificação: HUGHES, Emmet J. *Ascensão e decadência da burguesia*.

paganismo religioso, del paganismo político. Hoy, el mundo esta en vísperas de la última de las restauraciones – la restauración del paganismo socialista.”<sup>31</sup> Segundo essa interpretação, o desdobramento lógico dessas *restaurações* foi a destruição da civilização católica pela Revolução Francesa.

A partir do momento em que o pêndulo da história se afastou do centro do equilíbrio, toda estabilidade, paz, liberdade e justiça, que teriam reinado no milênio medieval, foram quebradas e novamente o homem presumiu poder criar uma sociedade moderna, assentada exclusivamente na Razão, no direito e na moral contratual, sem a tutela e a ingerência católica.

Entretanto, pontificava Leão XIII, exatamente por essa presunção, sua criação de maior vulto não foi produto da evolução, mas da Revolução, da tirania, e a civilização criada após 1789 não poderia ser considerada como tal:

...”essa espécie de civilização ... que repugna às santas doutrinas e às leis da Igreja, não passa de uma falsa civilização e deve ser considerada como um vão nome sem realidade./Com efeito, não se deve considerar como civilização perfeita a que consiste em desprezar audaciosamente todo poder legítimo; e não se deve saudar com o nome de liberdade a que tem por cortejo vergonhoso e miserável a propagação desenfreada de erros, o livre saciamento das cupidezes mais perversas, a impunidade do crime e dos malfetores ... Esses princípios são errôneos, perversos, falsos; não poderiam, certamente ter força para aperfeiçoar a natureza humana e fazê-la prosperar, pois o pecado torna os homens miseráveis.”<sup>32</sup>

Fazendo coro às acusações católicas contra a Revolução Francesa e ao mundo burguês, Jackson de Figueiredo iria dizer, no Brasil dos inícios do século XX:

“A Revolução substituiu a persuasão, a luta doutrinária, as pacíficas transformações do direito na esfera social, e de novo se viu predominar o cesarismo em política e o individualismo mais desenfreado... em todos os departamentos da vida social. A revolução francesa nada mais fez que universalizar esse terrível crepúsculo da inteligência humana.”<sup>33</sup>

31. *Carta de Donoso-Cortés a Montalembert, de 04/06/1849*

32. LEÃO XIII (Papa). *Inscrutabili Dei Consilli*, p. 06

33. FIGUEIREDO, Jackson. *O Partido da Experiência*, p. 55

Epílogo grandioso e coerente com o conjunto da doutrina – se a Idade Média significou verdadeiramente civilização, somente a exaustão da inteligência humana poderia explicar o seu esfacelamento, que no fundo significaria a destruição do próprio homem. E essa visão apocalíptica era a própria síntese católica sobre o século XIX e tudo quanto ele representava.

Diante daquilo que lhe parecia ser o desdobramento lógico do mundo moderno – a completa destruição da sociedade humana – o grupo católico conservador delineou uma estratégia política de âmbito mundial para realizar o que lhe parecia necessário: a paralisação do pêndulo da história.

Na verdade, o romantismo que impregnou fortemente os católicos conservadores do século XIX ia mais longe – não se tratava apenas de fazer parar o movimento histórico; tratava-se, acima de tudo, de fazer o pêndulo retornar ao seu ponto de repouso, tal como, supunham, ocorrera na Idade Média. Voltar à Idade Média significava reunir-se novamente, reconstruir a Unidade querida por Deus e destruída pelo pecado, dissolver-se novamente no Absoluto, reconstruir a Idade de Ouro perdida.

A volta a esse tempo, a retomada das práticas econômicas, sociais e políticas do feudalismo, se tornou o emblema do catolicismo conservador e romântico, seja como revolta diante do mundo moderno, seja como melancolia de uma memorável era de supremacia católica, seja como proposta de ação política.

Parece evidente que, em sã consciência, todos sabiam ser impossível paralisar a *roda da história* e, mais ainda, girá-la em sentido contrário. A modernidade se instalara definitivamente, e as estruturas da sociedade burguesa não seriam destruídas pelo simples desejo de volta ao passado. Não obstante isso, os textos lamentando o fim da era medieval e aqueles propondo a feudalidade como paradigma continuaram a ser produzidos, não já como lástima, mas como exortação.

Em 1891, Leão XIII, na encíclica *Rerum Novarum*, aceitando e ampliando a linha de interpretação histórica do catolicismo conservador, estabeleceu três pontos básicos para a sustentação dessa teoria:

1) Era de se lamentar que o capitalismo houvesse destruído as corporações de ofício medievais, porque elas eram, para os artesãos, uma proteção de ordem sócio-econômica, do mesmo modo que lhes protegiam os princípios os sentimentos religiosos que o mundo moderno veio destruir. Assim, desamparados, os trabalhadores... “isolados e sem defesa, têm se

visto à mercê de senhores desumanos e à cobiça de uma concorrência desenfreada.”<sup>34</sup>

2) Nesse contexto, o ideal seria um retorno à Idade Média, a restauração das corporações de ofício. Entretanto, dada a impossibilidade histórica de se reconstruir o mundo medieval, Leão XIII exortava no sentido de que fossem constituídas associações operárias com o objetivo de proporcionar aos trabalhadores bens materiais, intelectuais e espirituais, com ênfase no... “aperfeiçoamento moral e religioso. É principalmente esse fim que deve regular toda a economia destas sociedades; de outro modo, elas degenerariam bem depressa e cairiam, por pouco que fosse, na linha das sociedades em que não tem lugar a religião. Ora, de que serviria ao artista ter encontrado no seio da corporação a abundância material, se à falta de alimento espiritual pusesse em perigo a salvação de sua alma?”<sup>35</sup>

É exatamente no universo semântico da *Rerum Novarum* que desponta o medieval como paradigma da doutrina católica. Primeiro porque Leão XIII, em 1891, continuava a insistir na excelência das corporações de ofício medievais, quando o movimento histórico estava levando os proletários a se organizarem em sindicatos. Segundo,... “porque ele raramente emprega o vocábulo cidadão para designar os indivíduos no exercício dos direitos civis em um Estado, mas o vocábulo súdito, que indica o indivíduo sujeito às relações de vassalagem, quando não, o pejorativo multidão. Do mesmo modo, a *Rerum Novarum* emprega apenas uma vez o conceito proletário, para designar o vendedor da força de trabalho, e insiste no conceito artista ou artífice, que indica o artesão vinculado às corporações de ofício”.<sup>36</sup>

3) Coroando todo trabalho de constituição das “sociedades operárias”, a recristianização da sociedade em todas as suas esferas, porque... “constituída assim a religião fundamento de todas as leis sociais, não é difícil determinar as relações mútuas a estabelecer entre os membros para obter a paz e a prosperidade da sociedade.”<sup>37</sup>

34. LEÃO XIII (Papa). *Rerum Novarum*, p. 14

35. Idem, p. 44

36. MANOEL, Ivan A. *No centenário da Rerum Novarum*, p. 28

37. LEÃO XIII (Papa), Op.Cit. p. 44

Os Papas que sucederam a Leão XIII trataram de operacionalizar essa doutrina, criando instituições destinadas à cooptação do proletariado, das classes médias e da burguesia para a “causa católica”, sob a tutela do amplo programa de recristianização social desenvolvido pela Ação Católica.<sup>38</sup>

Entretanto, não foi apenas em relação ao “mundo econômico”, isto é, às relações sociais de produção que a Igreja doutrinou propondo a paralisação do pêndulo. Assim também doutrinou em relação à ciência, política e filosofia.

O padre Victor Cathering sj, em 1930, no seu texto, *Kant e a moderna filosofia alemã*, após tecer um longo comentário à respeito da situação da filosofia no século XX, estabeleceu sua tese central: se os filósofos continuarem na linha kantiana a rejeitarem a metafísica, não há remédio que possa salvar a filosofia.<sup>39</sup> Para essa salvação, ele apontava o que seria o único caminho válido: restaurar a Razão nos seus direitos, reconhecer os princípios necessários e imutáveis da metafísica e, de uma perspectiva histórica,... “não voltar a Kant, voltar sim aos grandes pensadores do passado: Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino, Leibniz.”<sup>40</sup>

Na mesma linha de argumentação, Rui Barbosa de Campos proferiu, em 1931, palestra no Centro de Filosofia D. Miguel Kruize, em São Paulo. Com o intuito de focar a sociedade em seu conjunto e propor meios de reordená-la conforme a doutrina católica, Rui Barbosa de Campos propunha o retorno ao medievo nos seguintes termos:

“Urge, pois, voltar às fontes puras dessa economia humana anticapitalista, dessa economia de consumo, dessa economia que reconheça sua dependência em face da moral. E se quisermos aqui buscar as fontes de uma teorização mais perfeita da sociedade, tê-la-emos de beber na escolástica e no tomismo, revigorando-as nas águas novas das caudais modernas. É preciso esquecer como reminiscência anacrônica, como produto do sectarismo do século passado, a concepção odiosa de que a Idade Média era época de obscurantismo. Voltemos,

38. A Ação Católica foi um amplo programa desenvolvido pela Igreja, a partir de Pio X, em âmbito mundial, para realizar a passagem do discurso conservador à prática conservadora. Sobre o tema, além da vasta bibliografia, verificar também:

MANOEL, Ivan A. *A diocese de Assis e seu primeiro bispo, D. Antônio José dos Santos (1930 – 1956)*.

39. CATHERING, Victor sj. *Kant e a moderna filosofia alemã*. In, *A Ordem*, p. 53

40. *Idem*, p. 59

em grande parte, a essa vida equilibrada dos medievais, tenhamos o senso harmônico das realidades sociais como eles o tinham e grande parte da miséria humana cessará... Volta à Idade Média, volta ao tomismo como suas feições renovadas de panontoísmo (sic), de corporativismo, de hierarquia das classes, eis o que propomos.”<sup>41</sup>

Conforme o Pe. Djalma R. de Andrade, eles reatavam os fios do pensamento tradicionalista, para quem não se tratava de... “instaurar a ordem e sim de restaurá-la, pois esses autores afirmam que já houve um momento da história no qual se deram as condições ideais de realização do homem em sua dignidade, momento que não foi perpetuado, devendo por isso ser resgatado. / Resultam dessa concepção a tendência a uma volta a esse momento passado e uma visão estática, não-histórica da ordem. Há um conteúdo romântico no tradicionalismo ligado a um desconhecimento do caráter dinâmico da história. A ideologia da ordem, pleiteando perpetuar o momento privilegiado que ofereceu as condições propícias à realização plena do homem e da sociedade (geralmente a Idade Média) não vê no mundo atual esse momento, nem essas condições e, conseqüentemente, assume uma postura saudosista e reacionária.”<sup>42</sup>

Exatamente por essa razão, o próprio Alceu de Amoroso Lima iria dizer, ao rememorar os seus primeiros anos de militante católico:

“A partir daí caminhei numa outra direção, passando do liberalismo anterior para uma posição ortodoxamente autoritária, baseada no sentimento de disciplina e da ordem. Fui tomado da convicção de que o Catolicismo era uma posição de direita.”<sup>43</sup>

Quando, na década de 1930, o jesuíta Victor Cathering e o estudante de Direito, Rui Barbosa de Campos conclamaram à volta aos tempos medievais, reproduziram, portanto, um texto já quase centenário da Igreja ultramontana

Em 1879, Leão XIII, na encíclica *Aeterni Patris*, fazendo um abreviado balanço das ciências e da filosofia, chegava à essa conclusão, que de resto já freqüentava os textos católicos há muito tempo:

41. CAMPOS, Rui Barbosa de . *Discurso...*In, *A Ordem*, p. 149

42. ANDRADE, Pe. Djalma R. *O paradoxo cristão: História e transcendência em Alceu de Amoroso Lima*, 24/25

43. LIMA, Alceu A. *Memórias improvisadas*, p. 120

“Ora, é pela filosofia e pelas vãs sutilezas que as mais das vezes o espírito dos fiéis de Cristo se deixa enganar e que a pureza da fé se corrompe entre os homens. Eis porque os Pastores supremos da Igreja sempre creram que seu cargo obrigava também a contribuir com todas as forças para o progresso da verdadeira ciência e ao mesmo tempo, para provar, com singular vigilância, a que o ensino de todas as ciências humanas fosse dado por toda parte segundo as regras da fé católica, mas, sobretudo o da filosofia, pois desta é que depende, em grande parte, a sábia direção das ciências.”<sup>44</sup>

Se a *vã filosofia* corrompe a mente e as ações humanas, e se à *sã filosofia* compete orientar a verdadeira ciência, logo essa tarefa deve caber à única *verdadeira filosofia*, isto é, a filosofia católica, aquela que se limita a especular nos limites exclusivamente humanos e acatar as verdades reveladas, porque... “sendo certamente verdadeiro o que a revelação ensina, e sendo igualmente contrário à razão aquilo que é contrário à fé, deve o filósofo católico saber que violaria os direitos da razão, tanto quanto os da fé, se admitisse uma conclusão que soubesse ser contrária à doutrina revelada.”<sup>45</sup>

Essa filosofia verdadeira, imune aos erros e propiciadora de um reto pensar, o cristão somente poderia encontrar no tomismo. A síntese tomista, por haver recolhido as tradições anteriores e também as novas formas de pensar que se apoiavam na leitura averroísta de Aristóteles, permitiu ao seu criador... “o duplo resultado de repelir por si só todos os erros dos tempos anteriores, e de fornecer armas invencíveis para dissipar os que não deixarão de surgir no futuro. Ademais, ao mesmo tempo que distingue perfeitamente, tal como convém, a razão da fé, une-as ambas pelos laços de mútua amizade: conserva, assim, a cada uma, os seus direitos, salvaguarda-lhes a dignidade, de tal sorte que a razão, levada nas asas de São Tomás até o fastígio da inteligência humana, quase não pode mais subir, e a custo pode a fé esperar da razão socorros mais numerosos ou mais poderosos do que os que São Tomás lhe forneceu.”<sup>46</sup>

44. LEÃO XIII (Papa) *Aeterni Patris*, p. 04

45. Idem, p. 11

46. Idem, p. 19

Pelas razões que apontava, Leão XIII... “mesmo proclamando que cumpre receber de bom grado e com reconhecimento todo pensamento, toda invenção feliz, toda descoberta útil, venham de onde vierem, exortamos-vos de maneira mais premente, e isso para defesa e honra da fé católica, para o bem da sociedade, para o progresso de todas as ciências, exortamos-vos a repor em vigor e propagar o mais possível, a preciosa doutrina de São Tomás.”<sup>47</sup>

Nessa passagem do texto leonino, ressalta a importância do prefixo **RE**: repor, recolocar, isto é, voltar a, retornar, regressar. No contexto da teoria do movimento pendular da história, a exortação de Leão XIII ganha completa inteligibilidade. Retornar à filosofia, aos parâmetros do tomismo, significava restaurar a Igreja na condição de fonte perene de todo o saber e na função de *Magistra*, apta a ensinar a todos os verdadeiros princípios do saber salvífico, isto é, restaurar a Igreja na condição de centro gravitacional da humanidade, na condição de ponto de repouso e equilíbrio do pêndulo da história.

Do mesmo modo, construir associações de operários e de patrões, sob o controle católico, seria reinstaurar, na sociedade atual, os mesmos instrumentos sociais que garantiram o pleno funcionamento da sociedade feudal. Com esse procedimento, a Igreja pretendia paralisar o movimento da história e fazer o pêndulo retornar ao seu ponto de equilíbrio junto ao Bem, junto a Deus, por ela representado. Esperava, com isso, interromper o movimento da revolução do mundo moderno e restaurar a paz medieval, tão românticamente imaginada.

O entendimento dessa proposta católica do século XIX permite elucidar uma passagem do militante católico brasileiro, Jackson de Figueiredo. Visando à consecução do ideário conservador e reacionário do catolicismo católico romanizado, e inspirado nos textos do pensador católico Joseph de Maistre, Figueiredo pontificava dizendo que para combater a revolução era... “necessário pregar-se já ‘não a contra-revolução, mas o contrário da revolução.’ Ora, isto é que não se pode fazer sem uma doutrina que compreenda esse ‘contrário da revolução’ em todas as ordens da atividade espiritual, em todos os domínios da vida em sociedade.”<sup>48</sup>

47. Idem, p. 26

48. FIGUEIREDO, Jackson. *Coluna de fogo*. p. 63

A questão fulcral dessa passagem é que todo contrário da revolução é a reação. Mais uma vez é o universo semântico, talvez mais do que a própria prática ou no mesmo nível que elas, que revela o sentido reacionário da doutrina católica ultramontana. O olhar saudoso e melancólico em direção ao medievo, romanticamente idealizado, a restauração do tomismo, a recordação saudosa das corporações de ofício, a rejeição às tendências políticas modernas, construíam o texto da reação ultramontana, cuja busca de paralisação do movimento histórico e a reconstrução da Unidade e do Absoluto, a dissolução das partes na centralização do Todo, levaram às atitudes políticas da Igreja nos séculos XIX e XX.

• • •